

Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência

Organização

Pedro Meira Monteiro

Copyright © 2012 by sucessores de Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade
Copyright © organização e texto crítico by Pedro Meira Monteiro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Victor Burton

Imagens de capa

Mário de Andrade, 1939, óleo sobre tela de Flávio de Carvalho, 110,6 × 79,2 cm. São Paulo, Coleção de Arte da Cidade/ Centro Cultural São Paulo/ SMC/ PMSP.

Retrato do escritor Sérgio Buarque de Holanda, 1970, de Flávio de Carvalho. Reprodução de Bel Pedrosa.

Pesquisa

Vera Neumann-Wood

Revisão especializada e cotejo com os originais

Tatiana Longo Figueiredo

Análise documentária

Tatiana Longo Figueiredo e Leandro Raniero Fernandes

Preparação

Silvia Massimini Felix

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência / organização Pedro Meira Monteiro. — 1ª ed.— São Paulo : Companhia das Letras : Instituto de Estudos Brasileiros: Edusp, 2012.

ISBN 978-85-359-2175-5 (Companhia das Letras)

ISBN 978-85-314-1380-3 (Edusp)

1. Andrade, Mário de, 1893-1945 - Correspondência 2. Cartas brasileiras 3. Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982 - Correspondência 1. Monteiro, Pedro Meira.

12-11143

CDD-869.96

Índice para catálogo sistemático:

1. Cartas : Literatura brasileira

869.96

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	7
Agradecimentos	13
Cartas	17
“Coisas sutis, <i>ergo</i> profundas”: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda	169
Apêndices	361
Cronologia	411
Créditos das imagens	421
Índice onomástico	423

CARTAS

1922

I (MA)

São Paulo, 8 [de maio de 1922]

Caro Sérgio

Recebi o número da *Vanity Fair*.¹ Interessantíssimos os poemas. Agradeço-te cordialmente a valiosa comunicação. Serviram-me os poemas de auxílio para a conferência já terminada. Desejaria que a ouvisses. Creio porém que a não publicarei. Não estou muito satisfeito com ela. Constringia-me a largueza do assunto. É possível que mais tarde, se tempo me sobrar, desenvolva mais o tema e publique um opúsculo sobre a nova estética.² Mas é coisa que requer tanto pensar!... Não sei.

Sei que *Klaxon* sairá no dia 15 sem falta.³ É preciso que não te esqueças de que fazes parte dela. Trabalha pela nossa Ideia, que é uma causa universal e bela, muito alta. Estou à espera dos artigos e

dos poemas que prometeste. E não te esqueças do teu conto. Desejo conhecer-te na ficção.⁴

Espero a saída do 1º número da revista para escrever ao Ronald,⁵ ao Elísio,⁶ aos amigos todos enfim.

É preciso que digas ao Manuel Bandeira⁷ que me lembro sempre e muito dele. Recordo-me do Ribeiro Couto.⁸

E, mais uma vez, obrigado

Mário de Andrade

P.S. Abro a carta para uma nova comunicação. O Couto de Barros⁹ sai agora de São Paulo. Demorar-se-á fora por um mês. Fico eu com a tesouraria da revista. Assim, quando tiveres algum dinheiro de assinatura por mandar, endereça o cheque para mim.

É preciso que envies também quanto antes as direções dos assinantes, para que *Klaxon* possa ser enviada a todos eles no dia em que sair.

Carta assinada: “Mario de Andrade”; datada: “S. P. 8”; autógrafo a tinta preta; papel verde, filigrana; 1 folha; 28,2 × 21,6 cm; repartido horizontalmente ao meio pela dobra do papel; rasgamentos em todos os cantos e nas bordas esquerda e direita. PS.

1 Diversas revistas circularam, desde o século XIX, com o nome *Vanity Fair*. Neste caso, trata-se da revista de variedades publicada nos Estados Unidos entre 1913 e 1936. Na época em que Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda começaram a corresponder-se, autores como Edmund Wilson, Giovanni Papini, André Maurois, Jean Cocteau, Erik Satie, John Dos Passos, Paul Géraudy e Aldous Huxley apareciam nas páginas da revista, em meio a uma profusão de imagens de clara inspiração vanguardista europeia.

2 Mário de Andrade falaria da poesia modernista no 3º Ciclo de Conferências da “Villa Kyrial” — palacete paulistano em que o político, mecenas e poeta beletrista José de Freitas Valle reunia amigos, escritores e artistas para saraus literários e

gastronômicos. Em suas crônicas sobre a cidade de São Paulo, publicadas na revista *Ilustração Brasileira* entre 1920 e 1921, Mário definiria o salão de Freitas Valle como um oásis: “É o único salão organizado, o único oásis a que a gente se recolha semanalmente, livrando-se das falcatruas da vida chã. Pode muito bem ser que a ele afluam, junto conosco, pessoas cujos ideais artísticos discordem do nosso — e mesmo na Villa Kyrial há de todas as raças de arte: ultraístas extremados, com os dois pés no futuro e passadistas-múmias —; mas é um salão, é um oásis; o que significa dizer que há sempre nele água límpida para os sedentos e tãmaras alimentares”. ANDRADE, Mário de. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Org. Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004, p. 112. O fenômeno da Villa Kyrial pode ser paradigmático para a compreensão do ambiente eminentemente aristocrático, ainda recendendo à Belle Époque, em que se desenvolve inicialmente muito da literatura modernista. Sobre a Villa Kyrial e Jacques D’Avray (pseudônimo de Freitas Valle), consulte-se CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001. A menção a um “opúsculo sobre a nova estética” pode sugerir que aí teriam começado a germinar os apontamentos que resultariam em *A escrava que não é Isaura*. Cf. ANDRADE, Mário de. “A escrava que não é Isaura” in *Obra imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. O ambiente refinado e gastão pode também ter estado na origem do cenário em que, num escrito bastante posterior e já plenamente desencantado, as diferentes classes sociais sufocam e perdem o artista, em *O banquete* de Mário de Andrade, publicado originalmente na *Folha da Manhã*, entre 1944 e 1945. Cf. ANDRADE, Mário de. *O banquete*. Org. Jorge Coli e Luiz Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

3 *Klaxon*, hoje o mais conhecido mensário modernista, sairia a lume em 15 de maio de 1922 e se estenderia até dezembro/janeiro de 1922-3. Já no primeiro número o nome de Sérgio Buarque de Holanda constaria sob a rubrica “representação”, junto a Roger Avermaete, da Bélgica, e Charles Baudouin, da Suíça. Num depoimento do fim da década de 1960, numa autorreferência irônica ao “menino de 20 anos” que chegava ao Rio, vindo de São Paulo, Sérgio lembraria: “Não participara da famosa Semana de Arte Moderna: levava, no entanto, o título infosfismável de representante no Rio da publicação inicial dos sediciosos, a revista *Klaxon* [...]. Além de conseguir assinaturas e colaboração [...], ainda [m]e impusera o dever de atrair bons prosélitos para a sua mensagem. Ao lado disso, fui adquirindo o costume de investir, não raro com feroz pugnacidade, contra os que menosprezavam essa mensagem”. *A lição de Rodrigo*. Recife: Amigos do DPHAN, 1969, p. 103.

4 Das raras incursões de Sérgio Buarque de Holanda pelo campo ficcional, restaram algumas curiosas narrativas, como o poema em prosa “Antinous”, publicado

na *Klaxon* de agosto de 1922, o conto “A viagem a Nápoles”, publicado na *Revista Nova* em 1931, e também alguns títulos bizarros de contos nunca escritos. “Antinous” é um fragmento narrativo em tom onírico, bem ao gosto da experimentação modernista, que satiriza a reverência pelo grande “Imperador arquiteto” Adriano. Já os títulos de trabalhos nunca realizados faziam parte de um repertório de pequenas excentricidades com que mais tarde os amigos identificariam o jovem crítico. Em fevereiro de 1924, a propósito, a revista *Terra de Sol*, editada no Rio de Janeiro por Tasso da Silveira e Álvaro Pinto, anunciava a publicação próxima de “Y, o Magnífico”, romance de Sérgio Buarque de Holanda. Cf. *Terra de Sol, revista de arte e pensamento*, n. 2, fev. 1924, p. 239. Na biblioteca pessoal de Sérgio Buarque de Holanda encontra-se, ainda no tocante a tais flertes com a ficção, a dedicatória fantástica de Guilherme de Almeida em seu *Messidor*, de 1919: “A ‘Y o Magnífico’ — com um beijo do Guilherme. Cidade Difficilima, 18 Brumario, 1989”. Note-se que a lembrança de Mário na carta (“não te esqueças do teu conto”) instava o destinatário a uma atividade que, de fato, ele nunca chegou a desenvolver a fundo; o campo da imaginação ficaria reservado, então, para a atividade crítica e para uma narrativa em outro registro, quando mais tarde Sérgio se notabilizaria como historiador e, ao mesmo tempo, escritor de pulso.

5 Ronald de Carvalho (1893-1935), um dos nomes fundamentais do modernismo carioca, ativo participante da Semana de Arte Moderna (que acontecera em fevereiro desse mesmo ano de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo), era nesse momento bastante próximo de Mário de Andrade e, especialmente, de Sérgio Buarque de Holanda. Bacharel em direito, Ronald se tornara diplomata e burocrata do Itamaraty em 1914, jamais abandonando um cosmopolitismo de corte ilustrado, apoiado no ideal da construção pátria, cujas origens podem-se porventura buscar em sua admiração por Rui Barbosa e sua convivência com colegas de geração e de viagens pela Europa, como Alceu Amoroso Lima ou Álvaro Moreyra. Prolífico escritor, autor de *Estudos brasileiros* (1931), *Toda a América* (1926) e uma *Pequena história da literatura brasileira* (1919), Ronald se tornaria mais tarde um dos alvos principais de Sérgio Buarque, em seu polêmico artigo “O lado oposto e outros lados”, de 1926, quando o jovem crítico abominaria o “academismo” do ilustrado colega e sua intenção de “criar poemas geniais”.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária*. Org. Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, v. 1, p. 225. Quanto a Mário, é curioso que pouco mais tarde comparasse o escritor brasileiro ao argentino Ricardo Güiraldes, cujo *Xaimaca*, publicado em 1923, o faria lembrar o “tropicalismo sumarento de Ronald de Carvalho”, como se lê em suas notas. Cf. ANTELO, Raúl. *Na Ilha de Marapatá: Mário de Andrade lê os hispano-americanos*. São Paulo/Brasília: Hucitec/INL, Fundação Nacional Pró-Memória,

1986, p. 214. Ainda no início da década de 1920, egresso do movimento simbolista carioca, Ronald de Carvalho manteve um “salão” literário em que se reuniam os “adolescentes inquietos daquela época”, assim como “algumas figuras graduadas das letras e das artes”, segundo notação de Peregrino Jr. Cf. BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: Estado-nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru: Edusc, 2005, p. 91. Sérgio Buarque de Holanda consta entre os “adolescentes inquietos” que frequentavam a casa de Ronald, e é até possível que ali (talvez não em São Paulo) ele tenha conhecido Mário de Andrade, quando este lia versos de sua *Pau-liceia desvairada* e os poemas “Dança” e “Noturno de Belo Horizonte”, ainda segundo Peregrino Jr.

6 Elísio de Carvalho (1880-1925), participante também da primeira hora modernista, foi um eclético egresso da *Belle Époque* carioca, que, bastante jovem ainda, teve seu momento de simpatia pelo movimento anarquista, para mais tarde conservar o gosto excêntrico da literatura finissecular, traduzindo por exemplo “A balada do enforcado”, do “poeta desgraçado mas genial Oscar Wilde”, como se lê em dedicatória a Rubén Darío, que o próprio Elísio de Carvalho ciceroneara no Rio de Janeiro. Cf. SANTOS, Alckmar Luiz. “Apresentação de Elísio de Carvalho”. *Mafuá, Revista de Literatura em Meio Digital*, n. 12, 2009. Mário chegou a colaborar na *América Brasileira*, editada por Elísio, enquanto Sérgio refere, em artigo de dezembro de 1921 no *Rio-Jornal*, a tradução de Wilde por Elísio, ilustrada por Di Cavalcanti. Cf. COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Editora Unesp, 2011, v. 1, p. 22. Manuel Bandeira, em carta de 1925 a Mário de Andrade, cobrava-lhe uma “modinha que você cantou em casa do Elysio e me prometeu mandar”. Cf. MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, 2001, p. 194.

7 No original, “Manoel”. A relação de Manuel Bandeira (1886-1968) com ambos os missivistas seria das mais próximas, ao longo dos anos seguintes. Sérgio teve um de seus filhos apadrinhados pelo poeta pernambucano, enquanto Mário trocava com ele uma enorme quantidade de cartas que, juntas, fornecem ao leitor de hoje os traços de uma relação tocante, formando ademais um amplo e rico painel pessoal do campo modernista. No parágrafo inaugural de sua primeira carta a Mário, enviada em maio de 1922, quase ao mesmo tempo em que Mário escrevia esta sua primeira carta a Sérgio, Bandeira recorda: “Um dia destes encontro o Sérgio Buarque de Holanda, com aquele ar metálico e laminado, aquele ar que faz compreender de chofre a pintura moderna (pelo menos foi a cara do Sérgio e a de um motorneiro de Petrópolis que m’a fizeram compreender) e soube por ele notícias suas, recebi por ele saudades suas”. MORAES, Marcos

Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., pp. 59-60. A observação seria retomada, em chave todavia mais irônica, numa passagem em que Bandeira relembra a figura excêntrica do jovem Sérgio caminhando pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, conforme referido à frente, no estudo crítico ao fim deste livro. A correspondência entre Mário e Bandeira, por seu turno, vai muito rapidamente ganhando um viço e um volume especiais, inclusive porque Mário identificava, no amigo querido, um aliado dos modernistas no terreno minado que ele via no Rio de Janeiro, como se lê em missiva enviada ao poeta pernambucano, radicado no Rio, naquele mesmo ano de 1922, algumas semanas depois da presente carta: “Sensibilizou-nos teu interesse. Foste o primeiro dos amigos do Rio a nos demonstrar alguma simpatia. Por que esse afastamento? Será possível que em literatura se perpetuem as rivalidades de futebol! Manuel Bandeira, obrigado”. MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 62.

8 Rui Ribeiro Couto (1898-1963) foi escritor, jornalista e diplomata, também modernista de primeira hora, autor de uma obra copiosa em poesia e prosa. Quase por esses mesmos dias, Sérgio saudaria o “realismo” de Ribeiro Couto, “umas das figuras mais representativas da nova geração paulista”, e seu recém-publicado *Jardim das confidências*. Não se tratava, advertia contudo o jovem crítico, do “realismo anti-higiênico de Zola e da escola de Medan; mas o realismo fino e aristocrático de Jean de Tinan, de Marcel Proust e de Max Jacob”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra*, op. cit., v. 1, pp. 150-1. São especialmente significativas as lembranças de Manuel Bandeira sobre o amigo Ribeiro Couto que, como ele, não viajara a São Paulo para participar da Semana de Arte Moderna, porque afinal jamais haviam atacado “publicamente os mestres parnasianos e simbolistas”, ainda que, ao fim, Bandeira reconhecesse o quanto devia ao movimento modernista. Fora por intermédio de Ribeiro Couto, por fim, que o poeta pernambucano tomara “contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo, aqui [no Rio] com Ronald de Carvalho, Álvaro Moreyra, Di Cavalcanti, em São Paulo com os dois Andrades, Mário e Oswald, quando Mário de Andrade veio ao Rio para ler em casa de Ronald [de Carvalho] e depois em casa de Olegário Mariano a sua *Pauliceia desvairada*, ainda inédita. Eu já estava bem preparado para receber de boa cara os desvairismos de Mário, porque Ribeiro Couto, grande farejador de novidades na literatura da Itália, da Espanha e da Hispano-América (correspondia-se com Alfonsina Storsi e outros argentinos) me emprestava os seus livros”. BANDEIRA, Manuel. “Itinerário de Pasárgada” in *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 60-1. Na década seguinte, em correspondência com o escritor e diplomata Alfonso Reyes, então embaixador do México no Rio de Janeiro, Ribeiro Couto evocaria a figura do “homem

cordial”, um “produto americano”, que se tornaria célebre a partir da conceituação de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, de 1936.

9 Antônio Carlos Couto de Barros (1894-1966) foi escritor, advogado e jornalista, além de tesoureiro ocasional de *Klaxon*. Mário da Silva Brito, historiador do modernismo brasileiro, recorda o caráter de “coletividade intelectual” da revista, cujos componentes reuniam-se no escritório de Tácito de Almeida e Couto de Barros, no centro de São Paulo, à rua Direita. Cf. BRITO, Mário da Silva. “O alegre combate de Klaxon” in *Klaxon*, ed. fac-similar comemorativa. São Paulo: Martins, 1972, s. p. No segundo número da revista, de junho de 1922, apareceriam as “Notas sobre o ‘Humour’” de Couto de Barros. Já em sua acre rememoração do modernismo, vinte anos depois da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade refere o papel de “filósofo da malta” de Couto de Barros, “pingando ilhas de consciência em nós, quando no meio da discussão, em geral limitada a bate-bocas de afirmações peremptórias, perguntava mansinho: Mas qual é o critério que você tem da palavra ‘essencial’? ou: Mas qual é o conceito que você tem do ‘belo horrível’?...”. ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002, pp. 260-1. Marcos Moraes relata que nos anos imediatamente posteriores à Semana de Arte Moderna, Couto de Barros se comunicaria com Mário, de Paris, contando maravilhas sobre o circuito de exposições na capital francesa. Cf. MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 141, n. 75.

2 (SBH)

[Rio de Janeiro, após 8 de maio de 1922]

Caro Mário

Recebi sua carta respondendo à remessa do nº da *Vanity Fair* que lhe prometi. Era minha intenção escrever-lhe no dia mesmo em que enviei o número da revista. Infelizmente porém, ando com o tempo de tal forma tomado que só hoje escrevo. Mando também o artigo e poesias que prometi. Peço porém que, se quiser publicar as do Ribeiro Couto mande pedir diretamente a ele pois mandei uma cópia sem sua autorização. Ele anda mto. esquisito agora e disse-me que só enviaria se lhe pedissem diretamente. Atribuo isso a sua moléstia, pois ele foi agora para Petrópolis depois de uma congestão pulmonar que o acabrunhou mto.¹ Mando também uma poesia do Murillo Araújo² que ia para a

minha revista.³ Tem o grande defeito de ser soneto. Em todo o caso fica a seu critério a publicação.

Espero com ansiedade *Klaxon*. Falei com o livreiro Schettino à rua Sachet⁴ para recebê-la em consignação. Ele exige 30% do lucro da venda encarregando-se de distribuir pelas livrarias. Serve? Responda logo. Os exemplares do 1º nº se já não foram enviados pode mandar diretamente a mim.

Ao contrário de minha expectativa e da de todos só pude por agora conseguir pouquíssimos assinantes.⁵ Tenho porém inúmeras promessas. Espero a realização destas para enviar todo o dinheiro. Pode enviar a revista às seguintes pessoas que assinaram:

Graça Aranha⁶ — Hotel dos Estrangeiros

(fica até Dezembro)

Cláudio Ganns⁷ — Red. do *Fon-Fon*

Rodrigo Octavio F⁸ — R. S. Pedro 48

Oswaldo Beresford⁹ (6 meses) — Red. do *Dia*

O Graça Aranha manda dizer que depois de seu longo silêncio na Academia, falou para defender os nossos direitos. O Afrânio Peixoto¹⁰ falava sobre o monumento a Machado de Assis,¹¹ lembrou “os dois maiores escultores brasileiros, Bernardelli¹² e Correia Lima”.¹³ O Graça perguntou em aparte: — “E por que não Brecheret?”¹⁴ O João Ribeiro¹⁵ perguntou “Quem é Brecheret?”. Ele respondeu: “Não conhece? Lamento”.

Aceite com os amigos daí um grande abraço do

Sérgio B. Holanda¹⁶

P.S. Perdi o seu cartão com o endereço do Luís Aranha¹⁷ escrito no verso. O Di¹⁸ forneceu-me o seu endereço. Mando pois os “Poemas Elásticos”¹⁹ para o seu endereço.

S.

Carta assinada: “Sergio B. Hollanda”; sem data; autógrafo a tinta preta; papel branco, pautado; 2 folhas; 22,6 × 17,6 cm; 2 furos. PS.

1 Em carta a Sérgio Buarque de Holanda, enviada poucos meses mais tarde, em setembro de 1922, de Campos do Jordão, onde convalescia, Ribeiro Couto lhe agradece o “interesse sincero que você tem tomado pela minha saúde. Sempre sei pelo Manuel Bandeira que você pergunta por mim”. Cf. Arquivo Privado Sérgio Buarque de Holanda, Siarq-Unicamp, Cp 16 P5.

2 Murillo Araújo (1894-1980), poeta mineiro então residente no Rio de Janeiro, seria mais tarde um dos participantes do grupo da revista *Festa* (1927-9; 1934-5), de Tasso da Silveira, que congregava nomes como os de Cecília Meireles e Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima). Trata-se de linhagem que vem de *Terra de Sol* (1924), na qual se inserem os modernistas “espiritualistas”. Não poucas vezes se vê aí um veio conservador, mais à direita da barulheira que a gente de *Klaxon* promovera em 1922. Como diria Mário de Andrade em artigo publicado em 1928 na própria revista, os modernistas mais radicais, de São Paulo e do Rio de Janeiro, aguentaram a pancadaria, “enquanto o grupo de *Festa* na maciota passeava ileso e até ajudava [...] no assobio”. Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 44. No entanto, em 1922 era ainda difícil, senão impossível, definir com clareza tais linhas ideológicas. Dois meses antes desta carta a Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda recebia, do próprio Murillo Araújo, uma carta, data-da de 29 de março daquele ano: “tenho pensado com alegre impaciência na sua revista [...] Há tanta falta de imprensa heroica que corrija a *tábua de valores* e possa malhar valentemente os judas da mediocridade e da falsa-arte! Por minha colaboração, tão gentilmente pedida, preferia mandar-lhe algum poema livre onde pudesse *sinfonizar* à vontade. Mas os novos que compus, são longos e intrigam o burguês. Depois temo da sua ironia com os ‘futurismos’ e sei que os diretores de revista, em matéria poética preferem o soneto que ocupa menos espaço e está nos hábitos do público. Mando-lhe, pois, um dos meus poucos sonetos, que tem talvez apenas o mérito de ser inédito e ser enviado com a mais cordial boa vontade deste (se o permite...) já seu amigo. Murillo”. Cf. Arquivo Privado Sérgio Buarque de Holanda, Siarq-Unicamp, Cp 14 P5. O soneto não seria publicado em *Klaxon*.

3 O projeto de uma nova revista se concretizaria dois anos mais tarde, quando Sérgio Buarque e seu dileto amigo Prudente de Moraes, neto editariam *Estética* (1924-5), conforme se discutirá adiante. No entanto, é provável que Sérgio pen-

sasse em editar uma revista própria já em 1922, a julgar por esta observação, pela carta de Murillo Araújo, e por outra observação que aparecera em *A Careta*, no mês anterior, em que Enéas Ferraz noticia que “o meu amigo Sérgio, crítico literário, hóspede de casa de pensão, estudante de direito, escritor de *pró-labores* a 20\$000 e, mais do que tudo isso, um futurista de imensa imaginação, vai publicar uma revista intitulada *Vida Literária*. A notícia é positivamente agradável. Espera-se todo o sucesso [...]”. Cf. CRISPIM, João. “Futurismo” in BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 387.

4 Trata-se da Livraria Editora Schettino, de Gianlorenzo Schettino e seu filho, Francisco, amigo e editor de Lima Barreto. A casa funcionou entre 1922 e 1931. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005, p. 419.

5 Mário da Silva Brito reporta que os próprios criadores e colaboradores se cotizavam para pagar a revista, que aliás teve poucos anúncios: “os rapazes da Semana eram ricos e de boa família”, diz, apoiando-se em declaração de Rubens Borba de Moraes. A afirmação de Guilherme de Almeida, lembrada ainda por Mário da Silva Brito, de que *Klaxon* tivera um único assinante, não procede, como se vê aqui. Tratava-se, em todo caso, de um grupo muito restrito, e o preço final tampouco era popular, como se depreende da irônica anotação de Menotti Del Picchia no *Correio Paulistano*, sobre o valor do exemplar avulso, “magrinho”, mas custoso: “*Klaxon* é orgulhoso: vende-se caro”. Cf. BRITO, Mário da Silva. “O alegre combate de *Klaxon*”, op. cit., s. p.

6 A figura de José Pereira da Graça Aranha (1868-1931) é central para o movimento modernista, e fundamental para a compreensão da trajetória de Sérgio Buarque de Holanda, que dele se afastaria definitivamente no polêmico artigo “O lado oposto e outros lados”, publicado na *Revista do Brasil* em outubro de 1926. Em sua diatribe, Sérgio alinharia o escritor maranhense a Renato Almeida, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida, todos àquela altura portadores, segundo o jovem crítico, de um “academismo [que] já não é mais um inimigo, porque ele se agita num vazio e vive à custa de heranças”. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra*, op. cit., v. 1, p. 225. Mas até esse momento, em 1922, Graça Aranha, que logo mais (1924) romperia com a Academia Brasileira de Letras e mais tarde ciceronearia Marinetti em sua visita ao Brasil, ia exercendo uma influência considerável sobre os mais novos dos modernistas, como sugere a homenagem que *Klaxon* lhe faz, no número 8/9, ou ainda a alcunha de “homem essencial” que lhe seria outorgada em *Estética*, a revista de crítica literária que Sérgio e Prudente de Moraes, neto editariam a partir de 1924, e em que, logo no primeiro número, Graça seria elevado ao nível de Pascal ou Goethe. Cf. HOLANDA,

Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra*, op. cit., v. 1, p. 179. A influência de Graça Aranha é clara na idealização de *Estética* — título, aliás, que ressoa a filosofia palavrosa do autor de *Canaã*, que em 1920 publicara a *Estética da vida*. Uma influência paternal, todavia, que muito logo seria detectada como deletéria pelo próprio Mário de Andrade, cujo mal-estar em relação a Graça Aranha tornar-se-ia notório. Segundo expressão de Drummond, festejada por Mário no fim de 1925, Graça “sentou em cima de nós, e está pesando muito”. Cf. SANTIAGO, Silviano (org.). *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002, p. 166. Em sua correspondência com Bandeira, Mário volta diversas vezes ao tema da influência de Graça Aranha, que o incomoda profundamente, como se lê em carta de 1925: “Quando o Osvaldo disse que o Graça desconhecia inteiramente o modernismo quando chegou ao Brasil, disse a mais verdadeira das verdades. Leu e observou tudo o que estávamos fazendo, bem me lembro das palavras vagas que pronunciava ouvindo e vendo as nossas pinturas e poesia! e se apossou de tudo. [...] Detesto o Graça. Essa a influência que ele tem sobre mim”. MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 206. Num artigo publicado mais tarde em alemão na revista *Duco*, da embaixada brasileira em Berlim, Sérgio Buarque se refere às diferenças entre o grupo dos modernistas paulistas e o velho Graça, não sem antes descrever, hiperbolicamente, o rompimento do escritor com a Academia Brasileira de Letras: “o povo entusiasmado carregou Graça Aranha nos ombros e o levou em triunfo até os portões da Academia”. Cf. COSTA, Marcos, op. cit., v. 1, p. 45.

7 Cláudio Sales Ganns (1896-1960), jornalista e historiador, foi próximo de Américo Facó, redator da *Fon-Fon* e mais tarde da revista *Espelho*, em que Sérgio Buarque viria a publicar, em 1935, o ensaio “Corpo e alma do Brasil”, espécie de *hors d'oeuvre* de *Raízes do Brasil*. Tratava-se do grupo de jornalistas com quem Sérgio convivia e trabalhava, no início da década de 1920, primeiramente no *Rio-Jornal*, depois em *O Jornal* (antes ainda que pertencesse a Assis Chateaubriand) e finalmente na agência Havas, onde traduzia telegramas ao lado de Américo Facó. Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. “Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda. Ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*” in *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. Instituto de Estudos Brasileiros: Secretaria de Estado da Cultura, 1988, p. 33. Na *Fon-Fon*, Sérgio publicara diversos artigos, inclusive “O futurismo paulista”, em dezembro de 1921 (ano de sua mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro, onde cursaria direito), em que saudava a nova geração dos futuristas que, da “velha terra dos bandeirantes”, não “se prendem aos de Marinetti, antes têm mais pontos de contato com os moderníssimos da França desde os passadistas Romain Rolland, Barbusse e Marcel Proust até os esquisitos Jacob,

Apollinaire, Stietz, Salmon, Picabia e Tzara”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra*, op. cit., v. 1, p. 132. Na *Fon-Fon* de então (disponível no acervo on-line da Biblioteca Nacional), vê-se, logo em seguida ao artigo de Sérgio Buarque de Holanda, uma matéria fotográfica sobre as proezas aéreas de Edu Chaves, sempre a partir de São Paulo, a terra dos bandeirantes.

8 Rodrigo Octavio Filho (1892-1969), advogado e poeta, foi também colaborador da *Fon-Fon*, amigo de Álvaro Moreyra e entusiasta dos “penumbristas”, que ele avaliaria num livro publicado postumamente, *Simbolismo e penumbrismo* (1970). Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, veiculado pelo site da instituição, encontram-se os elogios ao pai, que o precedera na cadeira, e que era então lembrado como um “bandeirante espiritual”, amante da poesia de Olegário Mariano, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho e Felipe D’Oliveira — gosto estético evidentemente compartilhado pelo filho. Cf. OCTAVIO Filho, Rodrigo. “Discurso de posse”. Academia Brasileira de Letras. Web. Consultado em 23 jun. 2011. Vê-se que havia uma aguda curiosidade por *Klaxon*, ainda entre os críticos e jornalistas menos inclinados à ruidosa ruptura proposta pela escola “futurista” de São Paulo.

9 Oswald Beresford foi advogado e escritor, colaborador de *O Mundo Literário*, revista que congregava jovens intelectuais da roda da Livraria Leite Ribeiro, como Ribeiro Couto, ou mesmo Cecília Meireles, Tasso da Silveira e Nestor Vitor, que depois se envolveriam na já referida revista *Festa*. Cf. SILVA, Simone. “As ‘rodas’ literárias no Brasil das décadas de 1920-1930. Troca e obrigações no mundo do livro”. *Latitude*, v. 2, n. 2, 2008, p. 200. Em suas *As amargas, não... (lembranças)*, Álvaro Moreyra registra, em relação ao ano de 1925: “O jovem escritor Oswald Beresford, acusado de ter publicado um livro imoral, pela Liga da Moralidade, suicidou-se”. MOREYRA, Álvaro. *As amargas, não... (lembranças)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 105.

10 Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) foi médico, político e escritor baiano, membro da Academia Brasileira de Letras desde 1911, e seu presidente em 1923. Curiosamente, a cena descrita por Sérgio Buarque refere-se à estátua de Machado de Assis, enquanto o mais famoso romance de Afrânio Peixoto, *A esfinge* (1911), tematiza justamente o trabalho do escultor, um pouco à Zola. O traço regionalista e a herança positivista tornavam Afrânio Peixoto muito pouco palatável aos modernistas, cujo desconforto diante do naturalismo é patente. *Bugri-nha*, seu livro publicado naquele ano, seria resenhado em *Klaxon*: “Livro triste-nho. Quando iniciará [n]o Brasil a literatura da alegria? Páginas de amor e rusgas que não terminam mais. [...] Há um capítulo maravilhoso, verdadeira obra-prima de verdade e comoção: é o XVI. O resto... [...] Enfim, sem muito relevo, o

A. nos presenteia com um pedaço tristonho e ridículo da vida. Convidamos o snr. Afrânio Peixoto a definir a palavra ficção”. *Klaxon*, n. 4, ago. 1922, p. 15. Afrânio Peixoto surgiria depois, circunstancialmente referido, num texto de 1950, em que Sérgio Buarque resenha a *História da literatura brasileira* de Lúcia Miguel Pereira. Ali, o autor de *A esfinge* aparece entre aqueles escritores para quem o fazer artístico podia ser simples “jogo e distração”, enquanto de fato, “enlaçando-se à vida”, a arte não podia jamais ser apenas a cópia servil da realidade — pecado atribuído por Sérgio aos “nossos naturalistas”. Cf. COSTA, Marcos, op. cit., v. 2, pp. 16-7. Em 1928, Mário de Andrade receberia um cartão-postal de Afrânio Peixoto, de Corrêas, no estado do Rio de Janeiro, com a imagem da estátua de d. Pedro II em Petrópolis, e um agradecimento pelo envio de *Clã do jabuti*, “poesia de verdade”. Cf. MORAES, Marcos Antonio de (org.). “*Tudo está tão bom, tão gostoso...*” *postais a Mário de Andrade*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 192.

11 Curioso que a discussão se desse em torno da estátua de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), por quem os modernistas parecem nutrir uma admiração ambivalente, eivada de resistência. A monumentalidade do mestre e fundador da Academia Brasileira de Letras é uma criação (ou uma atribuição) longeva, embora a suposta afetação machadiana, com sua fuga às características naturalmente brasileiras, fosse, já no final do século XIX, receber a crítica irada de Silvío Romero, depois ecoada, por meio de um diapasão ambíguo, por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, em que Machado de Assis figura como a “flor dessa planta de estufa” que fora o horror dos românticos diante da “dura”, “triste” realidade do país. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (ed. comemorativa, org. Ricardo Benzaquen de Araújo, Lília Moritz Schwarcz), p. 178. Na mesma década de 1930, por ocasião do centenário de Machado, Mário de Andrade escreve uma série de artigos para o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, apresentando, logo de início, uma questão manhosa: “Eu pergunto, leitor, para que respostas ao segredo da tua consciência, se amas Machado de Assis?”. Ao fim, Machado “ancorou fundo as suas obras no Rio de Janeiro histórico que viveu, mas não se preocupou de nos dar o sentido da cidade”. Cf. ANDRADE, Mário de. “Machado de Assis” in *Vida literária*. Org. Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, pp. 53-69.

12 José Maria Oscar Rodolfo Bernardelli (1852-1931) foi uma das mais importantes figuras na história da escultura no Brasil, desde os últimos anos do Império, na Academia Imperial de Belas-Artes, até bem entrado o período republicano, sob o marco da Escola Nacional de Belas-Artes, de que ele foi diretor por muitos anos. O aspecto grandioso, propriamente monumental, e a inspiração neoclássica de sua obra, naturalmente incomodavam os modernistas. Manuel Bandeira, conquanto sempre mais comedido que os “futuristas” de São Paulo,

lembra, numa carta de 1924 a Mário, em que analisa um poema e lhe faz sugestões, da “*boutade* de Severiano de Rezende que chamou o Bernardelli de *marmorista ignaro*”. Cf. MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 132.

13 José Otávio Correia Lima (1878-1974) foi aluno de Rodolfo Bernardelli e depois seu colega na Escola Nacional de Belas-Artes.

14 Victor Brecheret (1894-1955), escultor italiano radicado no Brasil, vinha sendo reconhecido como um dos mais significativos representantes da arte moderna brasileira. Em 1921, a expensas do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo, viajara a Paris, onde sua obra *Les conquérants*, alusiva aos bandeirantes, seria acolhida no Salon D’Automne, para regozijo da elite intelectual paulista. O alerta de Graça Aranha sobre a novidade de Brecheret ganha sentido especial se lembrarmos que seu *Monumento às bandeiras*, concebido para o centenário da Independência e inaugurado em 1953 no Parque do Ibirapuera, serviria mais tarde como um símbolo da novidade paulista no cenário nacional, ou porventura como sublimação da experiência bandeirante. A imagem é recorrente: o modernismo, segundo um de seus cronistas, era obra de “bandeirantes do pensamento”. Cf. MORAES, Rubens Borba de. *O domingo dos séculos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001, p. 26. Em suas memórias do movimento, Mário lembra que “Menotti del Picchia e Osvaldo de Andrade [sic] descobriram o escultor Vítor Brecheret, que modorrava em São Paulo numa espécie de exílio, um quarto que lhe tinham dado grátis, no Palácio das Indústrias, pra guardar os seus calungas. [...] Brecheret, para nós, era no mínimo um gênio. Este o mínimo com que podíamos nos contentar, tais os entusiasmos a que ele nos acudia. E Brecheret ia ser em breve o gatilho que faria *Pauliceia desvairada* estourar...”. Mário conta, finalmente, que a reação horrorizada de sua família à recém-adquirida “Cabeça de Cristo” (“Onde se viu um Cristo de trancinha! era feio! medonho!”) o pôs num estado “indestinado”, e foi aí, diante da cidade noturna que ele vê pela sacada de sua casa, aborrecido com a “parentada” ignara, que lhe surge o “título que jamais pensara, *Pauliceia desvairada*”. ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*, op. cit., pp. 255-6. Brecheret se notabilizaria ainda por suas delicadas esculturas inspiradas na arte marajoara, compostas depois da morte de Mário de Andrade, quando Sérgio Buarque de Holanda dirigia o Museu Paulista e escrevia alguns dos estudos que dariam origem a *Caminhos e fronteiras* (1957).

15 João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860-1934) foi um jornalista e filólogo, autor de ficção, crítica, um dicionário e uma *História do Brasil* (1901). Admirador da língua portuguesa cultivada no Brasil, era um apaixonado dicio-

narista e fino escritor. Manuel Bandeira o admirava muito, como se depreende desta observação feita a Mário, em carta de 1925, em que Bandeira discute a quem, no Rio de Janeiro, o poeta paulista deveria enviar sua *A escrava que não é Isaura*: “Há um velho na Academia que é muitíssimo pouco acadêmico e eu admiro e estimo grandemente. Para mim é um batuta. Você conhece-o mal: é o João Ribeiro. Ainda que ele combatesse o seu livro, será um dos poucos sujeitos com cultura para entendê-lo. E se você o influenciasse, que bela conquista!”. Cf. MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 196. Haroldo de Campos lembra que João Ribeiro perceberia mais tarde, em 1927, o sentido pioneiro da poética de Oswald de Andrade, “capaz de idear, sem o auxílio das musas, uma arte nova, inconsciente, capaz da máxima trivialidade por oposição ao estilo erguido e à altiloquência dos mestres”. CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade” in ANDRADE, Oswald. *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2003, pp. 16-7. A julgar pela abertura de João Ribeiro, a pergunta sobre Brecheret, feita a Graça Aranha, era mesmo a simples, talvez humilde, ignorância de quem era o tal escultor cultuado pelos modernistas. O que não impediu que o episódio, narrado por Sérgio a Mário nesta carta, fosse noticiado no segundo número de *Klaxon*, na seção “Luzes e Refrações”, seguido de uma agressiva explanação: “Respondemos: Victor Brecheret é um escultor paulista atualmente em Paris. Seus trabalhos *também* são aceitos no Salão de Outono. Várias revistas do Rio já reproduziram obras suas. A *Eva* descansa nos jardins do Anhangabaú. Brecheret é tão forte artista que, em vez de *copiar* a natureza, *cria* tirando apenas da natureza a causa primeira da inspiração. Mas é preferível que o sr. João Ribeiro continue a ignorar Brecheret. Este naturalmente não faria do gênio de Brás Cubas um retratinho em que se enumerassem todas as rugas e cabelos — único processo estético capaz de comover a lânguida saudade endinheirada dos srs. acadêmicos”. *Klaxon*, n. 2, jun. 1922, pp. 16-7.

16 Sérgio registra seu sobrenome com os dois L (“Hollanda”) que mais tarde desapareceriam, vigorando a forma mais simples, com que até hoje se o conhece.

17 O poeta Luís Aranha (1901-87), bacharel em direito e, a partir de 1929, diplomata, foi um participante de primeira hora do movimento modernista. Em agosto de 1922, apareceria em *Klaxon* uma espécie de resenha em versos da recém-lançada *Pauliceia desvairada* de Mário de Andrade (“Nem o sismógrafo de Pachwitz mede os tremores do teu coração/ Ebulição/ Sarcasmo/ Ódio vulcânico/ Tua piedade/ Escreveste com um raio de sol/ No Brasil/ Aurora de arte século xx/ Como na pintura de Anita Malfatti que pintou o teu retrato [...]”). Posteriormente, mas ainda no período efervescente do modernismo, Mário de Andrade enviaria a Prudente de Moraes, neto, para publicação em *Estética*, um poema de Aranha intitulado “Drogaria”: “você vai ler a coisa mais tumultuária, mais rápida,

das mais espantosas que se escreveram no modernismo modernista”, dirá Mário a Prudente em 1925. Cf. KOIFMAN, Georgina (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto (1924/36)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 89-91. A admiração pelo amigo levaria Mário a escrever um ensaio, “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”, ressaltando o “associacionismo descontrolado de imagens”, revelando a intensidade sensitiva das associações (“puras sucessões”) de palavras na criação de “pequenas paisagens ou dramas telegráficos”. A delicada questão da descoberta da lírica na barulhenta e vertiginosa paisagem metropolitana se encontra aí. Cf. ANDRADE, Mário de. “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana (1932)” in *Aspectos da literatura brasileira*, op. cit., pp. 59-105.

18 O pintor carioca Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, conhecido como Di Cavalcanti (1897-1976), iniciou-se profissionalmente desenhando para a imprensa carioca, e se aproximou cedo do grupo dos modernistas. Rememorando a origem do encontro, Di relata que a “exposição de Anita Malfatti em 1917 [quando ocorreu a célebre polêmica em torno da tela *O homem amarelo*, depois comprada, em 1922, por Mário de Andrade] foi a revelação de algo mais novo do que o impressionismo, mas Anita vinha de fora, seu modernismo, como o de Brecheret e Lasar Segall, tinha o selo da convivência com Paris, Roma e Berlim. Meu modernismo coloria-se do anarquismo cultural brasileiro e, se ainda claudicava, possuía o dom de nascer com os erros, a inexperiência e o lirismo brasileiros”. Apud SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Di Cavalcanti ilustrador: trajetória de um jovem artista gráfico na imprensa (1914-1922)*. São Paulo: Sumaré, 2002, p. 47. Di Cavalcanti partiria para Paris em 1923. Ainda discutindo São Paulo e Rio, Mário, em suas memórias do movimento, contesta a ideia de supostas raízes cariocas do modernismo, conquanto as “manifestações impressionistas e principalmente post-simbolistas” existissem na capital da República. No entanto, em “São Paulo, esse ambiente estético só fermentava em Guilherme de Almeida e num Di Cavalcanti pastelista, ‘menestrel dos tons velados’ como o apelidei numa dedicatória esdrúxula”. ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*, op. cit., p. 257. Numa crônica de 1932 para o *Diário Nacional*, Mário sugere a superação da fase dos “tons velados”, pela imersão nas teorias “cubistas, puristas, futuristas”, que no entanto não o desencaminharam, porque Di “nacionalizou-se conosco, ao mesmo tempo que o Modernismo o fazia mudar, de hora e de estação. Abandonou os tons velados de outono e crepúsculo, pra se servir de todas as vibrações luminosas da arraiaida e da possível primavera. Principalmente com a sua admirável série de mulatas, de que ele soube revelar o rosado recôndito, Di Cavalcanti conquistou uma posição única em nossa pintura contemporânea. [...] Não confundiu o Brasil com paisagem; e em vez do Pão de Açúcar nos dá sambas, em vez de coqueiros, mulatas, pretos e

carnavais. Analista do Rio de Janeiro noturno, satirizador odioso e pragmatista das nossas taras sociais, amoroso cantador das nossas festinhas, mulatista-mor da pintura, este é o Di Cavalcanti de agora”. ANDRADE, Mário de. “Di Cavalcanti” in *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Org. Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, 1976, p. 528.

19 Trata-se dos *Dix-neuf Poèmes Élastiques* de Blaise Cendrars, publicação de 1919 de poemas compostos antes da guerra. Sobre Cendrars e o modernismo brasileiro, leia-se EULÁLIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars* (2ª ed., rev. e ampl. por Carlos Augusto Calil). São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001. Sobre a importância de Cendrars para Mário, ver o estudo crítico, depois das cartas.